

CORRESPONDENCIA.

SR REDACTOR.



inda não tive occasião de me dirigir a V. para lhe dizer muitas cousas, que tenho descoberto, porém começo hoje por um acontecimento curioso.

De certo não me conhece, e muito menos a minha letra, por que nunca nos correspondemos. Saberá que eu sou o TEMPO, aquelle velho ratoão de que quasi todos fazem escarneo, mas que tenho ensinado bastantes sabios. Deixe contar-lhe o que me aconteceu e que V. talvez ainda não saiba.

Moro em uma agoa furtada antiquissima, não sei quantos seculos viverei ainda, e nutro-me das esmolhas que me dão; poucas vezes são de minha casa, [porém quando o faço sempre apanho novidades frescas.

Ha dias sahi e fui encomendar umas botas, por que as que tinha estavam rotas, e na volta para casa passei pelo Poço Novo e encontrei um homem vestido celeberramente, mas com uma cara que moveu a minha costumada curiosidade.

Segui o individuo, e quanto mais reparava, mais desejos tinha de o conhecer de perto. Reflecti bastante tempo no que havia fazer, e por fim decidi — vá — vamos a elle. Salto-lhe ao gasganete, e vi que o homem tinha uma mascara por cima da tromba, e que era o verdadeiro typo da hypocrisia, mentira, embofia, esperteza, traficancia, e outras muitas cousas que me não lembram por que a minha avançada idade não me permite ter memoria fresca.

Como o meu fim é pôr ao sol tudo o que os mais espertalhões julgam ter escondido e enterrado, deito-lhe as unhas, arranco-lhe a mascara, e que vejo?! Uma cara, de Oculos, em que vi descriptos os 7 peccados mortaes, os 6 peccados contra o espirito santo, os 4 que bradam ao céo, 10 contradicções aos mandamentos da lei de Deos, e uma alluviaõ de cousas que nem eu até lhe sei os nomes!!

O maroto assim desmascarado começa a rir-se como se estivesse vendo o Theodorico em scena, e com uma frescata maior que a do Paixão!! Que lhe havia eu fazer, deixei-o ir, e o tratante entrou para uma casa de bella apparencia, e eu fiquei jurando-lhe pela pelle, e protesto-lhe, sr. redactor, que apenas tenha ordem superior, com a minha fouce heide servi lo com toda a amizade e franqueza.

Sr. redactor, se julgar interessante esta

noticia, queira publica-la, e sou seu amigo e

constante leitor

O Tempo.

N. B. Se quiser mande-me dizer para lhe contar mais historias.



uizeram os nossos patuscos metter á martellada nas cabeças pouco esperitas, que Mazzini estava em Portugal, mas nem com o auxilio do microscopio solar nos foi possível divisar este homem. Ninguem o viu, nem até consta que se sonhasse

com elle. Effectivamente ficaram os taes espertalhões com uma cara bem semelhante ás com que ficam os actores dos theatros quando a infantaria lhes applaude os seus espectaculos. Não pegou por que a cóla era fraca; agora para deixar as cabeças dos credulos mais atarantadas que os moinhos de papel que se vêem por essas janellas, fez-se dentro do poço novo um castelliho de papellão, mas tão mal feito que nem os rapazes dariam por elle 30 rs. Fez-se, fosse como fosse, e como as obras feitas com pressa quasi nunca sahem perfeitas, esta foi uma victima deste facto.

Appareceu um mólho de couves, que nem cozidas com o unto de João Aliás encontravam passagem na goela do maior pato do mundo conhecido.

Ora o pato é um bicho que tem uma goela por onde cabem quatro brigadas formadas em quadrado, sem tocar nas paredes; pois nem mesmo assim cabe por lá a proclamação do Mazzini, escripta em um grão de milho; e querem que por força caiba nos ouvidos de um cidadão portuguez.

Meus amigos, é calva! E uma calva deste tamanho, vê-se muito bem de Lisboa, estando ella ainda mesmo escondida dentro do palacio Londrino, de cristal e ferro.

E' mister fazer todos os esforços para que o bicho de Thomar venha estabelecer de novo o seu ninho entre nós. Invente-se tudo que for necessario. Esta historia de Mazzini é pouco, digam por exemplo que os arabes estão combinados com os demagogos para se revolucionarem e deitarem fogo ao aqueducto das agoas livres, inventem que os egypcios querem trazer para Portugal as suas pyramides, para com ellas esmagarem o throno e as instituições, finjam que os antropophagos, juntos com

os revolucionarios, querem comer assada a carta velha, digam que o bando dos arlequins entrega proclamações revolucionarias, dizendo que tal e tal dia terá logar o combate, a revolta, a acção, a escaramuça, a tomada e a derrota dos principios e fins não sei de que, afirmem tambem que Neptuno fugiu dos mares para decretar a secca, e morreremos todos á sede, asseverem finalmente que o Jardim Mythologico está comprado pelos republicanos para ensinarem os revolucionarios a descerem em 8 segundos uma montanha russa de 300 pés d'altura acima do nivel do marco, e que dentro da torre estão projectis de guerra, etc. etc. Digam tudo que lhes parecer, com tanto que o homem venha! Esta é a questão, e para isso não é preciso incomodar o Mazzini, que a estas horas está dormindo a cesta (são 3 horas e meia da tarde) e nem até se lembra que ha poço novo em Lisboa, e que nellé está..... está, sim senhor, está e estará, em quanto Deos quizer, um homem que é capaz de inventar, justificar, afirmar, e jurar, que em Lisboa estão hoje dois milhões de Mazzinis escondidos dentro da bola que está no cume do zimbório da Estrella, e se elle o dissér, é um evangelho. Deve acreditar-se.



Lei diz: « Os exaltados de Alcantara, onde é o quartel da 3.ª companhia de cavallaria, mal a souberam do despacho do seu correligionario a foram insultar os soldados.» A Lei allude a ser reintregado na guarda municipal o capitão Romão.

E' um facto A Lei fallar a verdade; e em consequencia da gritaria que fizeram os revolucionarios, asseguram-nos que abateu o quartel do batalhão naval, rachou o montão de cantaria a que chamam chafariz; e a montanha russa do Jardim Mythologico se estivesse mais perto, tinha ficado arrasada. Os soldados como são de ferro, esses ficaram no seu estado normal e passam sem novidade em suas importantes saudes; mas consta que os visinhos contiguos ao quartel nada ouviram, por que aquelle bairro é o bairro dos surdos. Na travessa das Mercês ouviu-se perfectamente. Os redactores da Lei ouviram toda a algazarra, como se estivessem perto! Este paiz é o paiz das fatalidades!



em razão quem diz que no Lazareto se passa vida folgada e milagrosa, por preço commodo.

Os preços são os seguintes:

Almoço de ovos, bife, fiambre, chocolate, café, ou chá e leite (para um) 50

Jantar — Sôpa de tres qualidades, cozido, arroz, quatro assados, dois fricacés, podim, pasteis, dezeseis sobremesas, vinho do Porto, Madeira e Champanhe, café e genebra (para

um) 120
Cêa — Gallinha e caldo, assado e ervas, chá e doces..... 45

Rs. 215

Passa-se um dia magnifico por 215 rs. Os locandeiros são amantes dos que lá vão, por isso servem com economia. Tambem diariamente ha comidas a todas as horas (menos *coelhinhos de campos*, e ameixas do quintal do tio *Lopes*) quasi de graça.

E' este o motivo por que o Victor, o Theotonio, o Matta, o Suisso, e o Escoveiro estão apanhando moscas, e até se sabe que muita gente tem sahido de Lisboa para paizes affectados pelas epidemias

para terem a satisfação de voltarem (se poderem) a Portugal, e passarem 20 dias no lazareto á regalada de Mouro. Todos os passageiros estão satisfeitos com um tractamento tão commodo; e se lá lhe ficam os *pintos* é para fazerem quarentena.

Mandámos pedir á fréguezia das Mercês que a procissão não passasse pelo Poço Novo, em consequencia dos andores irem bastante ricos. As irmandades não attendem a este pedido. Felizmente não houve novidade, mas podia haver: foi uma fortuna.

Typografia de Manoel de Jesus Coelho
Rua do Poço dos Negros N.º 54.



Lith. d'Ant. J.º Libano d'Andr.º R. da Esp.º N.º 60

JOZÉ, DESMASCARADO.